

Editorial

HAJA
PACIÊNCIA!

Enquanto pôde, o Brasil resistiu entregar a sua malha viária à administração de empresas privadas, como muito antes já tinham feito os países desenvolvidos. O processo vem avançando de baixo de um debate que custa a amadurecer e ainda não encontrou um ponto de união.

Na realidade, não se trata de privatização, mas de concessão à iniciativa privada do direito de exploração de trechos específicos de rodovias, mediante investimentos no melhoramento de suas infraestruturas. A concessão é de longo prazo, ou seja, de 30 anos, no mínimo.

Apenada por uma enorme carga tributária, a opinião pública reage à privatização, pois terá de arcar com mais um encargo, representado pela cobrança de pedágios para poder circular nessas rodovias. Com razão, considera que o Estado tem a obrigação de prover o serviço.

O fato é que o Estado não o faz e as rodovias, superadas e precárias, são responsáveis por um ônus terrível, refletido em prejuízos materiais, sobretudo econômicos, e em vidas humanas, sacrificadas em sucessivos acidentes de trânsito de que o país é campeão mundial.

O regime de concessão é a alternativa. Depois de muita indecisão, o atual governo está deslançando o processo, por meio de leilões públicos. A BR-040 é uma das mais importantes rodovias do país. Sua modernização era reclamada há mais de uma década.

A rodovia liga o Rio de Janeiro a Brasília, atravessando Minas Gerais e passando por Belo Horizonte. Numa primeira concessão, foi duplicada do Rio a Juiz de Fora. Todo o resto, no entanto, permanecia defasado, à espera de investimentos que nunca vinham.

A concessão, operada no ano passado, começa a valer a partir de hoje. A concessionária, no entanto, vai iniciar os trabalhos de duplicação a partir de Goiás, a fim de poder começar a cobrar o pedágio. Ora, isso não é racional, já que o trecho mais crítico e movimentado da rodovia é o que vai de Juiz de Fora à capital.

Querem compreensão do público, mas abusam da sua paciência.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O cheiro e o sabor das berinjelas
ao amor de Fermina Daza

Conta García Márquez, em “O Amor nos Tempos do Cólera”

Em “O Amor nos Tempos do Cólera”, Gabriel García Márquez (1927-2014), ex-aluno montessoriano, conta que Fermina Daza foi amada por Juvenal Urbino, médico, de família tradicional e rica, com quem casou e teve dois filhos, Ofélia e Marco Aurélio; e por Florentino Ariza, celibatário que a esperou por 51 anos, 9 meses e 4 dias, pois a conheceu quando tinha 19 e ela 13 anos.

O cenário é Cartagena das Índias. Florentino, reles funcionário dos Correios. Ela, estudante do Colégio da Apresentação da Santíssima Virgem, “onde, há quase dois séculos, as meninas da sociedade aprendiam a arte e o ofício de esposas atentas e submissas”. Trocaram cartas apaixonadas por três anos. Noivaram por carta: “Está bem, caso-me consigo se me prometer que não me obrigará a comer berinjelas”, até que foi expulsa do colégio por ser vista escrevendo cartas de amor.

O pai levou-a para “uma viagem de esquecimento”, por quase dois anos. Florentino adoeceu: “Uma reviravolta das tripas, como um eixo de espiral”, que um homeopata diagnosticou: “Os sintomas do amor são idênticos aos da cólera”, que o perseguiram a vida inteira! Fermina Daza dava-lhe caganeira! Comia gardênia: tinham o sabor de Fermina Daza; e bebeu água de colônia para descobrir outros sabores da amada que, ao retornar, disse-lhe: “Hoje, quando o vi, apercebi-me que o que se passou conosco não foi mais do que uma ilusão”.

Na casa da mãe do dr. Urbino, um prato habitual era berinjela e ele adorava! Ela sentia náuseas. Um dia gostou de purê de berinjela! Um dia decretou:

“O problema da vida pública é aprender a dominar o terror; o da vida conjugal é aprender a dominar o tédio”. Florentino virou dono da Companhia Fluvial das Caraíbas. Ficou rico para a amada. No dia do enterro do marido confessou: “Fermina, esperei esta ocasião durante mais de meio século, para repetir-lhe uma vez mais o juramento da minha fidelidade eterna e do meu amor para sempre”. Ela: “Desaparece-me da frente! E que eu não te torne a ver nos anos que te restam de vida... Que espero sejam muito poucos”.

“O amor era amor em qualquer tempo e em qualquer lugar, mas tanto mais denso quanto mais próximo da morte”

Ele voltou a escrever-lhe cartas. Na primeira visita não pôde ficar: teve reviravolta nas tripas... Viraram colegas de velhice. A filha Ofélia sacou e bradou: “O amor é ridículo na nossa idade, mas na idade deles é uma obscenidade”. Foi expulsa de casa pela mãe, que confidenciou à nora: “Há cem anos, cagaram-me a vida com esse pobre homem porque éramos demasiado jovens e agora querem-no repetir porque somos demasiado velhos”. Acendeu um cigarro com a beata do outro e deitou para fora o resto do veneno que lhe roía as entranhas: “Que vão todos à merda – disse. Se nós, as viúvas, temos alguma vantagem, é a de não ter ninguém que mande em

nós”.

Sem casar, viajou num navio de Florentino, que preparou o gol durante uma semana e não finalizava, até que ela: “Se temos de fazer disparates – disse –, façamo-los, mas como gente crescida”. Na cama, “ela estendeu a mão na escuridão, acariciou-lhe o ventre, os flancos, o púbis quase imberbe... Deu o passo final: procurou-o onde não estava, voltou-o a procurar sem ilusões e encontrou-o inerte. Está morto – disse ele”. Em sua primeira noite com Fermina Daza, ele brochou! Nos dias seguintes, se achou!

Na noite da véspera do desembarque, Fermina Daza preparou um prato que Florentino Ariza batizou de “Berinjelas ao amor”. “Pois tinham vivido juntos o suficiente para se darem conta de que o amor era amor em qualquer tempo e em qualquer lugar, mas tanto mais denso quanto mais próximo da morte”.

DUKE

